

O ENSINO DE NOTAÇÃO MUSICAL NO ESPAÇO DE ESCOLA ESPECIALIZADA EM MÚSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Williena da Silva
Universidade Estadual de Maringá
Bruna_williena@hotmail.com

Aline Clissiane Ferreira da Silva
Universidade Estadual de Maringá
a.clissiane@gmail.com

Resumo: O presente relato traz a experiência de uma das autoras enquanto professora de música de um conservatório. Após explanar sobre o contexto em que o conservatório está inserido e sobre os objetivos do seu ensino de música, apresenta-se a problemática de como ensinar o conteúdo de notação musical tradicional de uma maneira eficiente e prazerosa. Tendo em vista que é de extrema importância que a criança registre suas impressões sonoras musicais (LINO, 2008) foram elaboradas atividades que tivessem foco na notação musical. Juntamente com a apresentação dessas atividades, procurou-se apresentar os resultados alcançados. Ao término do trabalho, concluiu-se que o conhecimento discutido dentro da Universidade foi fundamental para a elaboração e execução das atividades.

Palavras chave: Ensino e aprendizagem; Notação musical tradicional; Atividades práticas.

INTRODUÇÃO

A notação tradicional em música é habitualmente usada em várias situações dentro dos âmbitos musicais, porém, quando se fala em Educação musical, fica claro que mesmo sendo de grande importância, esta apresenta uma dificuldade notória a ser esclarecida na mente dos alunos, pois a leitura é de extrema complexidade para a educação musical de crianças na faixa etária de 3 a 8 anos de idade.

A notação é a forma de lidarmos com determinados símbolos com o objetivo de registrar e se comunicar. Na música, a notação é um conteúdo musical de grande relevância e que assume diferentes formas de ser escrita. É possível identificar diferentes formas de grafia musical a partir da forma com que alguns autores vêm discutindo sobre o assunto. Segundo Mateiro e Okada (2012) a notação musical dita “tradicional” é aquela que utiliza figuras musicais para historiar os sons de acordo com suas alturas e durações. (MATEIRO E OKADA, 2012).

Em contrapartida à notação musical tradicional, encontramos discussões que tratam da notação musical considerada “analógica”. França diz que nesse tipo de notação musical os “sons curtos são representados por pontos e traços pequenos; sons longos por meio de traços maiores” (FRANÇA, 2010). A autora ainda enfatiza que esse tipo de notação favorece a criação, a performance, a escuta e a compreensão musical, uma vez que se utiliza de símbolos já pertinentes ao conhecimento da criança. (FRANÇA, 2010). Ilari (2003) discute ainda sobre a “notação musical inventada”, que seria aquela criada pelo sujeito de maneira espontânea e que assume o papel representativo de algum som (ILARI, 2003).

É considerando a discussão que vem sendo realizada, que este relato de experiência propõe a discussão sobre o trabalho de educação musical junto ao público infantil com ênfase no ensino de notação musical. Para tanto irá utilizar algumas experiências que uma das autoras, tem vivenciado ao longo de sua trajetória.

O relato aqui exposto considera que é de fundamental importância que o público infantil tenha a oportunidade de se expressar musicalmente. Segundo Brito (2002), a vivência de experiências musicais desde os primeiros anos de vida contribui para que a música venha a ser construída numa faculdade permanente de seu ser.

O ensino que deu início ao aprendizado musical da autora exigia a decodificação da notação musical convencional. O entendimento desta parte do ensino de música se mostrava difícil e era consciente para a professora que a aluna não conseguia entender a sua linha de pensamento.

Por residir em cidade pequena de 5.799 habitantes foi necessário que a autora, ainda sem formação acadêmica, iniciasse sua atuação profissional como professora de música em conservatório. Essa atuação consistia em aulas particulares de instrumento, atendendo um público de 3 a 16 anos. O conteúdo inicial de teoria musical tinha foco na notação musical e o conteúdo inicial da prática de instrumento focava-se na leitura de peças musicais com notação tradicional. Ou seja, a prática instrumental era dependente da teoria. Entretanto, percebeu-se um nível intenso de desinteresse nessa fase inicial do ensino de música, provocando, por vezes, a desistência da criança ou adolescente de se envolver com o instrumento musical.

A necessidade de aperfeiçoar-se no que diz respeito a ser professor e ao ato de educar musicalmente motivou a busca do conhecimento específico que aconteceu por meio do ensino

superior de Licenciatura em Educação Musical. Ao ingressar na Universidade algumas concepções sobre o ensino de música foram reformuladas.

Foi por meio do projeto “Usina de música para jovem” oferecido dentro da Universidade, mais precisamente na Escola de Música da UEM, que autora presenciou uma abordagem didática musical diferenciada e foi nesse espaço que ocorreu a oportunidade de conhecer e acompanhar as aulas de iniciação musical ministradas pela Professora desse espaço.

A linha de planejamentos adotada pela professora fazia grande referência à educadores como Emilé Jaques Dalcroze e Carl Orff. Lembro aqui que a filosofia que esses educadores carregam, baseia-se na importância do movimento corporal, do ritmo das palavras e da vivência para o entendimento de conteúdos musicais (ILARI; MATEIRO; 2003).

Presenciar essa nova abordagem do ensino de música trouxe alguns questionamentos para a autora. Por vezes, enquanto trabalhava com o ensino tradicional de música, a autora se questionava. Como os alunos interpretam os símbolos musicais? Será esse um fator importante para a dificuldade de leitura fluente? Qual a metodologia mais conveniente para evidenciar a diferença dos valores musicais? E por que, necessariamente, elas deveriam decorar a divisão de figuras de som e silêncio?

Atualmente, a autora se encontra no segundo ano do curso de Música da Universidade, habilitação em Licenciatura de Educação Musical. Na seqüência, relataremos sobre as ações que foram tomadas para responder aos questionamentos, com o intuito de colaborar com as discussões sobre o ensino da notação musical, além de evidenciar os benefícios que o ensino superior tem proporcionado para a atuação pedagógica.

ATIVIDADES PROPOSTAS

SADIE e LATHAM (1994) apresentam a seguinte definição para o termo “notação musical”: “um equivalente visual do som musical, que se pretende um registro do som ouvido ou imaginado, ou um conjunto de instruções visuais” (SADIE; LATHAN, 1994).

Durante a prática docente, foi possível vivenciar muitos casos em que os alunos se desinteressavam pelo ensino da música, no momento em que lhes era passada o dever de aprender a notação musical convencional. As aulas observadas no projeto da Escola de

Música da UEM e o apoio dos textos abordados no curso de graduação contribuíram para que entendêssemos o quão valioso é o processo de ensino e aprendizagem.

Esse entendimento e esses conceitos de ensino de música que foram se construindo passou a ser aplicado no conservatório de música em que uma das autoras trabalha. O conservatório está localizado na cidade de Itambé – PR e atende públicos de diferentes faixas etárias. Oferece cursos de órgão eletrônico, teclado, piano, violão e musicalização infantil.

O Curso de Musicalização Infantil, destinado a crianças entre 3 á 5 anos, tem como objetivo principal iniciar a criança musicalmente para que esta no prazo máximo de dois anos, optasse por um instrumento a ser estudado. A sala de aula é composta por um aparelho de ar-condicionado, aparelho de cd, mesa com cadeiras adaptadas para a faixa etária, tapete e vários instrumentos a disposição.

De acordo, com Lino (2008), a música não é abstrata, nem pura descarga de emoções; ela é objeto de conhecimento palpável que deve ser descoberto pelas crianças a partir do fazer musical. É considerando isso, principalmente o fato de se fixar enquanto conteúdo palpável, que optei por proporcionar atividades que permitissem a vivências dos elementos musicais. Segundo Lima (2013), a vivência musical é sempre significativa para a criança. Em geral é extremamente agradável, desenvolvendo diferentes habilidades, melhorando a comunicação e potencializando a criatividade.

Tendo isso em vista, foram utilizadas músicas midiáticas para a exploração dos conteúdos musicais. A criança geralmente sabia cantar a música e por isso começávamos pelo canto de forma a valorizar o conhecimento que ela trazia. A partir disso, eram adicionados alguns instrumentos. Em um primeiro momento esse instrumento substitua a letra da música, de forma que a criança percutisse exatamente o ritmo que já sabia cantar. Posteriormente, pedia-se que escolhesse uma célula rítmica para acompanhar toda a música, porém notou-se que as sugestões eram extraídas da própria música já vivenciada, não havendo a criação de uma nova célula rítmica.

É compreensivo que quando a criança está no início do seu aprendizado musical formal, não crie nada novo e apenas reproduza. Porque para que atividades de criação musical sejam realizadas, é necessário que se dê elementos musicais para que o aluno tenha autonomia para conclui-la.

A atividade “Meu nome é uma música” consiste em utilizar o nome da professora e

do aluno. Pede-se que a criança, dentro de um pulso percutido pela professora, pronuncie seu nome. Em seguida, escrevem-se no quadro, as figuras musicais de acordo com a forma que a criança pronunciou. Depois de apresentada às figuras rítmicas escolhidas, é sugerido à criança que pronuncie novamente, porém de outra forma: “Vamos ver qual dos sons do seu nome pode durar mais tempo?”. Essa atividade permite, geralmente, a apresentação das figuras rítmicas semínima e mínima, onde a autora apresentou para o aluno como som curto e som longo.

Durante a aplicação dessa atividade e, quando não havia mais possibilidades rítmicas com o nome dos envolvidos, o aluno pedia para que utilizássemos os nomes de seus familiares. Atitudes como essa evidenciam o interesse do aluno e possibilitam a continuação do trabalho com essas figuras rítmicas.

A atividade que dá seqüência é nomeada como “Minha música rítmica”. Escreve-se no quadro células rítmicas que utilizem mínimas e semínimas e pede-se que a aluna execute a escrita tocando em um instrumento de percussão. Em seguida, é proposto que a aluna organize as figuras de forma diferente e também execute a música que se formou.

No primeiro momento desta atividade que consiste na execução da aluna, não se observa grandes dificuldades. Isso dá pelo fato de a aluna já ter vivenciado esses sons em atividades anteriores. Porém, a segunda parte propõe que o aluno escreva as figuras no quadro, sendo este o seu primeiro momento com a escrita musical. É nesse momento que a criança sente necessidade de perguntar sobre os desenhos permitindo ao professor que explique sobre a notação musical convencional.

Outra atividade com o mesmo princípio utiliza-se de cartas com os desenhos das figuras rítmicas. O aluno tem a opção de organizá-las de formas diferentes e também elaborar desenhos. Considerando que o aluno já tem certa intimidade com as figuras e seus significados, a atividade adquiriu um clima descontraído, no qual tornou-se uma “brincadeira prazerosa” para o aluno.

As figuras de colcheias são apresentadas ao aluno por meio da música “O coquinho” do livro “Encantando com a música” da autora Picoli (2005). Primeiramente, a música é passada como apreciação musical. Após ouvir a música a professora desenha no quadro um grupo de colcheias, onde fala para as crianças que estas são as “irmãzinhas musicais” e deverão ser tocadas sempre uma bem perto da outra. Em seguida, é proposto que as crianças

desenhem no quadro uma “música” com as “irmãzinhas” e ao término da atividade, pede-se que o aluno execute a sua criação.

Tendo em vista que os alunos gostavam muito de criar suas músicas, foi elaborado uma atividade dessa essência que pudesse ser realizada ao ar livre. No Jardim do conservatório. Escondia-se garrafas que tinham em sua estampa diferentes figuras musicais, no qual, o aluno deveria encontrar as garrafas e, de acordo com a ordem que as encontrava, dispô-las em linha reta. Após encontrar todas as garrafas descobria-se uma nova seqüência rítmica. Os alunos ficavam curiosos para executá-la e conhecer a música que tinha se formado.

CONCLUSÃO

O trabalho aqui exposto teve como principal objetivo relatar sobre a experiência de trabalhar com atividades práticas que tinham foco no aprendizado da notação musical convencional. O interesse no tema se deu pela experiência desagradável, no que diz respeito ao conteúdo de notação musical, vivenciada por uma das autoras. Situação essa que motivou a procura por novas metodologias que tratassem do conteúdo de maneira mais agradável e proveitosa.

O ensino superior de Licenciatura em Educação Musical, juntamente com outras experiências de ensino de música dentro da Universidade, contribuiu para um entendimento mais esclarecido sobre Educação Musical. Permitiu também o conhecimento sobre metodologias diferenciadas que podiam se adaptar melhor à necessidade que o contexto exigia.

O fato de estar trabalhando com o ensino de música aliado ao estudo teórico da educação musical resultou em atividades diversificadas, práticas e prazerosas, possibilitando assim, a aprendizagem de um conteúdo musical fundamental para o currículo do conservatório em questão.

As atividades aqui apresentadas se mostraram eficientes uma vez que permitiram que o aluno conhecesse a notação musical tradicional, onde isto se comprovou pelas leituras rítmicas realizadas pelos alunos durante as aulas de educação musical. Além de se mostrar eficiente para o que se destinava as atividades, também se mostraram prazerosas, diminuindo

assim, o índice de desistência dos alunos que se iniciavam musicalmente naquele conservatório.

O fato de uma criança chegar ao conservatório cantarolando a canção que serviu de recurso didático para o ensino de determinada figura rítmica, comprova seu interesse e envolvimento com a aula de música. Ou mesmo aquela criança que, tendo alguns minutos ao término da aula, insistia em continuar organizando cartas de forma a compor mais músicas.

É possível dizer que experiências como essas comprovam a eficiência de atividades dessa natureza, além de motivar o desenvolvimento de mais atividades que tenham foco em outros conteúdos e que visam à vivência musical.

Referências

PICOLI, Acácia M. *Encantando com a música*. Brinqtoc. Vitória. 2005

LIMA, Willian. F; PEREIRA, Arlete C. *A Influência da música e dos instrumentos musicais na educação infantil*. Revista articulando saberes, vol. 1 n. 1, São José, 2013.

SADIE, S; LATHAM, A. *Dicionário Groove de Música*. Edição concisa. Jorge Zahar, 200

BRITO, Teca A. *Música na Educação Infantil: princípios para a formação integral da criança*. São Paulo, 2002.

ILARI, Beatriz. *A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical*. Revista da ABEM, vol. 11, n. 9, 2003.

LINO, Dulcimarta L. *Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância*. Porto alegre (2008).

FRANÇA, Cecília C. *Sopa de Letrinhas: Notações analógicas (des) construindo a forma musical*. Revista Música na Educação Básica. Porto alegre. vol. 2, n. 2, 2010

MATEIRO, Teresa; OKADA, Tâmara. *Procedimentos de ensino e aprendizagem da notação musical na perspectiva dos licenciandos*. Ictus-Periódico do PPGMUS/UFBA, vol. 13, n. 1, 2014.

ILARI, Beatriz; MATEIRO, Teresa. *Pedagogias em educação musical*. São Paulo, 2003.